NOVELLAE OLIVARUM



ANO X / MARÇO 1952 / N.º 93

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO MAURÍCIO
Redactores — FERNANDO CAMPOS
— JOÃO PERESTRELLO
Proprietário e Editor — INÁCIO VIEGAS
Administrador — MANUEL HEITOR

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

O Baptismo e o Mistério Pascal — R. M. 49

Como o povo sente e vive a Quaresma — Simões Dias 56

Ecos... — Pastoral Sacramental — J. A. — 64

Crónica — A. J. 70

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.°
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA
A casa mais antiga do País no seu género
(FUNDADA EM 1832)
Rua da Vitória, 82 a 88 — Rua do Ouro, 166 a 170
Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais
INSTALAÇÕES
SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES
TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756
"CENACULO"
VINHO PARA MISSAS
com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto
COMPANHIA VELHA
PORTO — Rua das Flores, 69 —
LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

Livraria e Papelaria Moderna
Machado & Ribeiro, L.da
Livraria Católica Portuense
LARGO DOS LOIOS, 50 — PORTO — TELEFONE, 2 5156
Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos
Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 14$00
Material escolar — Peçam catálogos indicando o género de livros

O Baptismo e o Mistério Pascal

Sempre a Igreja procurou levar os fiéis a uma adesão firme à sua doutrina, e a uma inteligência exacta dos seus ritos. Assim, o cristianismo torna-se uma vida, precisamente porque primeiro é uma doutrina.

Foi só desta maneira, que os cristãos nos primeiros séculos, não só puderam sobrepujar heròicamente todas as adversidades, mas, acima de tudo, manterem uma robusta homogeneidade, um desenvolvimento interior e orgânico, ao lado duma rápida propagação.

Entre as várias causas deste admirável facto, não podemos esquecer a zelosa vigilância e a enérgica autoridade, com que a Igreja preparava e recebia os futuros cristãos.

Tal foi o caso do baptismo. Em qualquer religião, sempre o rito inicial teve decisiva importância. O baptismo, como sacramento de iniciação, tinha também para a Igreja importância transcendental. Regenerando as almas para a vida sobrenatural, ele requeria «ex parte hominis», não só a fé em Jesus-Salvador, mas exigia consequentemente uma sucessiva conversão da vida humana. Para que esta se pudesse realizar plenamente, Deus comunicava às almas os Seus dons, e a Igreja, por sua vez, procurava prepará-las, para elas poderem conservar e corresponder à graça recebida no seu renascimento espiritual. Assim nasce o catecumenado; surge assim a doutrinação clara e as palpitantes cerimónias do baptismo.

É pelo baptismo, que se realiza efectivamente a incorporação da alma em Cristo. «Todos vós que fostes baptizados em Cristo, escrevia S. Paulo, vos revestistes de Cristo» (Gál. III, 27). A alma revestida de Cristo, fica a ter em si uma forma vital, que a faz viver a própria vida de Deus (Eph. II, 57), fica «*cristificada*», «*deiformada*».

Ora esta incorporação em Cristo Jesus realiza-se em nós, em virtude e à semelhança da Paixão e Ressurreição do Salvador.

É no Calvário que Cristo, solidarizado com a Humanidade, a resgata e lhe merece a graça divina, pelo sacrifício da sua própria vida (Eph. I, 7; Col. I, 14).

«Lançai os olhos, exclama Bossuet, sobre Jesus; vede-o no meio de seus sofrimentos. Cristãos! Foi destas feridas que nascestes... A graça que vos santifica, e o espírito que vos regenera correm sobre vós juntamente com o sangue que mana de suas veias cruelmente rasgadas. Filhos de sangue, filhos de dor!...».

Foi pela morte da cruz e ressurreição do sepulcro, que Cristo realizou a obra redentora; morrendo na cruz, Ele merece aos homens a vida de filhos de Deus; ressuscitado, Ele a comunica exuberantemente. O baptismo, — sacramento de incorporação em Cristo —, é pois no seu sentido profundo, mística, mas verdadeira morte e ressurreição *com* e *em* Cristo Jesus.

No ensino constante de S. Paulo, a morte do Redentor teve a eficiência de matar em nós o pecado; a Sua ressurreição para a vida gloriosa produziu em nós por eficiência, o dom da vida divina. «*Não sabeis,* escreve ele aos Romanos, *que todos nós que fomos baptizados em Jesus Cristo, o fomos na sua morte? Fomos sepultados com Ele pelo baptismo em Sua morte, a fim de que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória de Deus Pai, assim nós também caminhemos numa vida nova*» (Rom. VI, 4).

Dirigindo-se aos Colossensses, S. Paulo prega-lhes igualmente, que eles foram supultados com Cristo no baptismo e nele ressuscitaram: — «*consepulti ei in baptismo in quo et ressurrexistis...*» (Col. II, 12).

Pelos séculos fora será esta a grandiosa missão da Igreja: — tornar pelo baptismo os homens participantes da morte e ressurreição redentoras de Cristo, para que incorporados na natureza divina — «*divinae consortes naturae*» (II Pet. I, 4) — possam também ser herdeiros da glória celeste.

O *rito* baptismal, e a própria *época* em que era administrado, mostravam bem evidentes estas verdades. Vejamos.

No geral o baptismo era conferido por imersão, e só em caso de necessidade por infusão ou aspersão. A imersão era mesmo o modo ordinário do baptismo solene. Já na Didaché sòmente se admite o baptismo por tríplice aspersão ou infusão, quando não se pode fazer por

imersão. E afinal, era esta a melhor maneira de concretizar o sentido etimológico da palavra baptizar, que significa lavar, limpar. Habitualmente a imersão não era completa, a não ser no Oriente, mas era repetida três vezes. «Non semel sed ter... tinguimur» diz Tertuliano, e outros mais como Didaché, Pastor d'Hermas, S. Justino, etc.

Chega-se a estabelecer como lei, (excepto em Espanha, o caso do IV concílio de Toledo — 633 a.), que fosse deposto o bispo que não fizesse senão uma, porque era este o costume dos heréticos.

Ora este modo de imersão era um símbolo adequado da morte, sepultura e ressurreição de Cristo, ao mesmo tempo que sensìvelmente recordava ao baptizado a regeneração, que se operava nele. É a explicação dada já por Tertuliano e o Pastor d'Hermas: — «desce-se morto para a água, e sai-se dela vivo». A imersão simbolizava a morte para pecado, a emersão figurava a ressurreição para a Vida.

O próprio facto da imersão ser tríplice não só focava o mistério da SS. Trindade, mas, afirma S. Gregório Magno numa das suas cartas, correspondia também à morte, sepultura e ressurreição de Jesus Cristo.

Mas, quando por outras circunstâncias, como falta de água, no caso de doentes ou multidões, o baptismo se administrava por infusão ou aspersão, ficava sempre salvo este simbolismo. E a razão dá-no-la muito claramente S. Tomás: — «namque quoque modo fiat ablutio, corpus hominis vel aliqua pars eius aquae supponitur, sicut corpus Christi sub terra fuit positum».

O aparecimento dos baptistérios no séc. IV, virá realçar ainda mais este simbolismo tão ricamente objectivo.

Eram diversas as formas dadas aos baptistérios. A octogonal era porém a mais recomendada, e a que de preferência foi adoptada na antiguidade e mesmo ainda por toda a Idade Média. Tal é com efeito a forma do baptistério da Basílica Lateranense e da casa de Aquileia (época constantiniana), os famosos baptistérios de Ravena (antes de 525), o da catedral de Pistóia (1339), e tantos outros.

Ora a forma octogonal é precisamente «uma aplicação sistemática da mística dos números ensinada pelos Padres ou pelos neoplatónicos», diz Croegaert. Sete é o número humano por excelência. Ele é igual a quatro, símbolo do corpo composto de quatro elementos, mais três, símbolo da alma criada à imagem da Santíssima Trindade. O número seguinte, oito, representa então, o princípio de vida nova. «O oito é o número misterioso da Ressurreição, que poderemos considerar uma nova cria-

ção — ou regeneração —, já que a primeira criação se completou em sete dias», dizem Sto. Agostinho e Sto. Ambrósio.

A forma octogonal era desta maneira um sinal da ressurreição para a graça.

A forma de piscina, dada por vezes aos baptistérios, era cavada abaixo do nível do pavimento da igreja, para mais intuitivamente lembrar o túmulo do Salvador. E não são estranhos os casos, em que certas fontes baptismais eram antigos sarcófagos ou velhos mausoléus, a fim de recordarem duma maneira insinuante aos neófitos a sua morte para o pecado e a sua ressurreição à vida de filhos de Deus. É o caso do baptistério de Sta. Constança. Rico mausoléu, construído em 354 para uma filha de Constantino Magno, foi ainda no decurso desse mesmo século transformado em precioso baptistério. E não vemos S. Carlos Borromeu transformar um velho sarcófago numa pia baptismal, ainda hoje existente na catedral de Milão?!

Toda a verdadeira tradição litúrgica afinal, não é mais que a realização completa de Col. II, 12: — «*consepulti ei in baptismo in quo et ressurrexistis*».

A própria *época* designada para a administração do baptismo era singularmente denunciadora da doutrina da Igreja.

Nada, nem no Evangelho nem na natureza do sacramento ,indica a época em que de preferência deva ser administrado. Assim os Apóstolos, e seus sucessores imediatos, baptizavam segundo as circunstâncias o permitiam, e não determinavam época. Durante os dois primeiros séculos, nenhuma prova positiva há a dizer-nos, que houvesse uma data preceituada. S. Justino, ao falar dos catecúmenos, diz-nos que parece não estar estabelecido nenhum tempo determinado, nem nenhum lugar destinado à confecção do baptismo.

Por isso, recomenda que aqueles que se apresentarem suficientemente instruídos, sejam baptizados, onde haja água — «ubi aqua est» — e em qualquer dia, embora o domingo deva ser preferido. Mais tarde, porém, foram escolhidas as festas da Páscoa e do Pentecostes. Na sua obra «De Baptismo», Tertuliano ao tratar do ministro e do tempo do baptismo, afirma que «todo o tempo é conveniente para o baptismo», todavia o «dia mais solene» é a Páscoa e o Pentecostes, e todo o espaço entre estas duas festas. Tertuliano não invoca a tradição em seu favor.

Limitando-se apenas a alegar razões de ordem dogmática, leva-nos a supor não ser este o costume anterior.

E o que no princípio era uso facultativo, a Igreja apressou-se a estabelecê-lo como lei, na altura em que rodeou este sacramento duma solenidade ainda maior.

Contudo o momento importava para a solenidade, mas não para a graça. Abria-se por isso excepção para os casos de urgente necessidade. É este o uso estabelecido a partir do séc. IV, e que os concílios mantiveram até ao séc. XII.

Todavia não tardou muito a levantar-se a tendência de multiplicar os dias da administração do baptismo.

No Oriente, introduz-se o costume de baptizar na Epifania, costume este que passa à Sicília, depois à África, e mesmo à Espanha. Na Gália, generaliza-se mais tarde o uso de grandes multidões serem baptizadas nas festas dos Mártires, dos Apóstolos, nas solenidades da Epifania e do Natal. A Igreja Romana limitou-se às festas da Páscoa e do Pentecostes, e considerou abusiva a extensão a outros dias. «Determinar tempos diversos para o baptismo geral, segundo o parecer de cada um, é uma confusão que é preciso reprovar e corrigir». É esta a decisão com que o Papa Cirício (394-398) se dirigiu ao bispo de Tarragona. O mesmo Pontífice indo mais além, declara ao mesmo bispo, «que só nos dias da Páscoa e Pentecostes convém celebrar o baptismo geral para a multidão daqueles que afluem à fé... Todos os bispos observem daqui em diante a regra estabelecida...». Igual atitude tomou S. Leão Magno (440-461) ao reivindicar enèrgicamente os direitos do «privilégio pascal». Esta mesma orientação vemos em diversos concílios, tais como, o III c. de Mâcon (585), o XVII de Toledo (694), o VI de Paris (829), e tantos outros.

Mas, afinal, qual seria a razão para a Igreja se mostrar tão zelosa deste sacramento ser conferido nestas duas solenidades?

Foram escolhidos de preferência estes dias, o Pentecostes, porque era o aniversário em que os Apóstolos receberam o baptismo de fogo e conferiram o baptismo de água aos primeiros convertidos; a Páscoa, porque era a comemoração da Morte e Ressurreição do Senhor, causa eficiente e exemplar da regeneração baptismal.

A Páscoa era a grande festa de Cristo Redentor. Comemorando a morte libertadora do Salvador, confirmada por sua gloriosa ressurreição, comemorava também a libertação espiritual do Homem. A Páscoa era

assim para o cristão a «solenidade das solenidades», um «tríduo sacratíssimo», e a melhor maneira de a comemorar seria tornar presente em novos cristãos essa mesma Paixão e Ressurreição: — seria administrar o baptismo. É este um dos pensamentos, que parece motivar a veemência desconcertante do Papa Cirício, em carta ao bispo de Tarragona, em que reprova e pede para se corrigir o «abuso» de administrar o baptismo noutros dias, pois não queria, que «em nada fosse diminuída a veneração devida à festa da Páscoa».

Por sua vez, o Baptismo não tinha festa mais oportuna para ser administrado. Para o verdadeiro pensamento cristão estes dois mistérios compenetravam-se, a ponto de fazerem um só. Se são um mistério de vida e de morte, a Paixão e Ressurreição do Senhor, é-o igualmente o nascer para a graça no baptismo cristão. A regeneração baptismal era como que um complemento, uma confirmação da obra redentora de Cristo. «*Convivificavit nos in Christo — conresuscitavit et consedere fecit*», como ensina S. Paulo aos Efésios (Eph. II, 5-6).

É para vincar mais fundo este sentido da nossa regeneração baptismal, que a tradição católica quis unir, até na identidade cronológica, a morte e ressurreição da cabeça com a morte e a ressurreição dos membros.

E desde que à festa da Páscoa pertence a administração solene do baptismo, foi em vista da ressurreição baptismal dos neófitos na festa da Ressurreição de Cristo, que a Igreja organizou toda a liturgia pascal. Nela tudo converge para o baptismo: — a bênção do lume novo, o Exultet, a bênção do círio, o canto das profecias, e por fim a bênção solene das fontes baptismais. A própria missa, cantando a preciosa epístola pascal de S. Paulo, evoca a Ressurreição de Cristo, e com ela, a dos Seus membros.

E hoje, embora estas cerimónias tenham decaído um pouco, as actuais, ainda que reduzidas, contêm o mesmo simbolismo real, rico e profundo, e a Igreja, por sua vez, conserva a mesma orientação.

Por isso ainda hoje a bênção solene das fontes baptismais é preceituada pela Igreja nas vigílias da Páscoa e do Pentecostes.

Por isso ainda hoje a Igreja deseja, que, havendo adultos para baptizar, eles se baptizem na Vigília Pascal.

É à luz desta mesma ideia, que a Igreja fixou para o tempo pascal a confissão, que todo o cristão deve fazer, ao menos uma vez por ano. «Os cristãos choram como mortos aqueles que eles perderam, e que, vencidos pela impureza ou qualquer outro pecado, se separaram de Deus;

mas os consideram como ressuscitados, se eles manifestam uma conversão verdadeira». Isto que Orígenes, dirigindo-se a Celso, diz sobre o espírito dos primeiros cristãos, é ainda hoje na Igreja uma verdade flagrante. Por isso temos o preceito da confissão na quadra pascal.

O «banho da penitência», usando a expressão arcaica tão significativa, é por conseguinte uma nova ressurreição da vida baptismal, se acaso o pecado no-la fez perder.

É nesta mesma orientação, que a Igreja restaura hoje, embora por enquanto temporàriamente, a Vigília Pascal, e insere nela a renovação das promessas do baptismo.

A festa da Páscoa tornou-se desta forma uma solenidade una e complexa. Complexa, porque não só festeja a Ressurreição de Cristo, mas também a dos novos cristãos baptizados, e a dos fiéis caídos, mas penitentes. Una, porque «nesta mesma complexidade, todas estas ressurreições são a ressurreição dum só e mesmo ser, considerado quer na cabeça, quer nos membros».

Foi nesta compreensão da grandiosa e profunda transcendência da iniciação cristã, que a Igreja pôde dar aos seus membros a sublime generosidade das virgens, e a fidelidade heróica dos mártires. Foi assim nos primeiros séculos... Sê-lo-á sempre!

R. M.

Como o povo sente e vive a Quaresma

Quando ainda criança, impressionavam-me vivamente as cerimónias da minha aldeia beiroa (1), durante a Quaresma.

Se o Natal e o S. João são épocas que o povo vive e sente intensamente, nenhuma, no entanto, excede em piedade, sentimento e amor o santo tempo da Quaresma. É nesta altura que a sua alma rude e simples se sabe penitenciar com a Igreja, para com Ela ressuscitar na Páscoa.

A devoção à «Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo» parece ter criado raízes de tal maneira estáveis que, estamos certos, as ideias materializadas do nosso século mal conseguirão afectar.

Não queremos dizer que todo este aparato exterior seja nado duma convicção profunda. Muito dele tem a sua origem na nascente caudalosa dos seus mais religiosos sentimentos — a tradição. É nesta que o povinho «nada sem cortiças». E será esta faceta que principalmente iremos focar, no intuito de mostrar a influência profunda que esta quadra bendita exerce em todo o viver do povo: — nos seus costumes, no seu folclore, na sua tradicional mas profunda piedade.

Todo o mês que antecede o tempo quaresmal é aproveitado pelos camponeses para o amanho das terras. Fazem-se as últimas sementeiras e mondam-se aquelas searas que, mais adiantadas, esperam as mãos hábeis das mulheres.

Pelas encostas das serras, nas baixas dos vales ou nas bordas dos rios onde o verde dos trigos e centeios deixa descobrir grupos de mondadeiras, o eco das cantigas nasce com o sol, para se extinguir pela tardinha com os últimos toques das Ave-Marias.

O tom nostálgico dos seus cantares simples, enche os ares de poética religiosidade. É que o povo, na sua intuição costumada, põe de parte os cantos mais alegres como que numa preparação remota. Mais uma vez se patenteia a união, entre o viver do povo e o da Igreja se atendermos aos ensinamentos do tempo da Septuagésima.

Quando chega o Carnaval, numa reviravolta súbita e inesperada, tudo se esquece para só se pensar na folia de três dias de bailarico contínuo. O povo, como que obrigado pelo seu temperamento expansivo, baila, canta, salta e sorri, como só ele o sabe fazer. É a sua alma sã e folgadia que baila despreocupadamente ao som da graciosa «Serrana» (2), esquecido de trabalhos, de fadiga, de tristezas.

Passados os três dias, com uma facilidade de adaptação verdadeiramente impressionável, põem-se de parte os divertimentos carnavalescos para se entrar a sério no tempo da penitência. Começam de aparecer os primeiros versos sobre a Paixão:

Oh! Meu Deus da minha alma
Senhor do meu coração
Trazei-me Vós à memória
Versos da Vossa Paixão.

A música, impregnada de piedade, toma um acento de tristeza na voz arrastada dos trabalhadores que, sem descuidarem os seus afazeres, vão ocupando o espírito com os cantos próprios da época:

Lá em cima ao altar-mor
Está um craveiro à Cruz
O sangue com que se rega
É o sangue de Jesus

Oh! Virgem que andais de luto
Por estas sete semanas
Que vos morreu vosso filho
Filho das vossas entranhas



(1) Souto da Casa — Fundão.

(2) Dança típica da Beira.

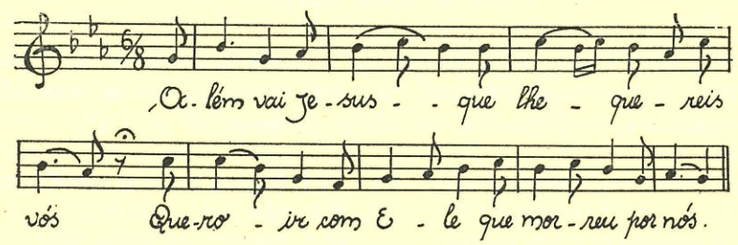
E as mulheres a quem o trabalho doméstico prende à casa ou a quem a idade não permite ocuparem-se dos trabalhos dos campos, não descuidam por um instante de recordar em versos simples, os passos da Paixão do Senhor:

Os vossos olhos divinos
Verteram lágrimas ternas
Para livrar nossas almas
Do fogo e penas eternas

As vossas costas divinas
De grossas cordas ligaram
De rua em rua, com elas
Como réu vos arrastaram

Sente-se por toda a parte um verdadeiro espírito de recolhimento. Reza-se cantando e canta-se rezando.

A rapaziada deixa o assobio, a cantiga profana e, à noitinha, em grupos que chegam por vezes à dúzia, percorrem as ruas da aldeia deixando após si o tom dolente das músicas quaresmais. As suas vozes rudes, levadas pelo silêncio da noite, chegam até nós cheias de profundo sentimento.



Além vai Jesus
Que Lhe quereis vós
Quero ir com Ele
Que morreu por nós

Bendito e louvado
Mil vezes e mais
Louvado e bendito
Bendito sejais

Quando a noite dá em se adiantar e na aldeia já tudo descansa, começam a ouvir-se ranchos de vozes finas e melodiosas. São grupos de piedosas mulheres — acompanhadas sempre por um ou dois homens — que começam a percorrer a povoação cantando e rezando à Paixão de Jesus.

De lanternas em punho, com as cabeças cobertas pelo grosseiro saiote, vão percorrendo os vários lugares da terra escolhendo de preferência as encruzilhadas para cantar. É costume de toda a gente erguer-se logo que desperta pelo canto, para rezar às Sagradas Chagas do Senhor. Por aqui se entende a escolha das encruzilhadas, na intercepção de várias ruas, para que o eco das músicas se espalhe por uma área bastante grande.

Enquanto percorrem o espaço entre dois locais onde é costume cantar-se, vão-se rezando interessantes e comoventes orações, onde predomina a Paixão versejada:

I

Vai para o Calvário
Bom Jesus verdadeiro
Vai cingido com uma corda
Debaixo do madeiro

II

A terra tremia
Com o peso da Cruz
Digamos três vezes
Salvai-nos Jesus.

III

Seus braços abertos
Seus pés encravados
Derramando o seu sangue
Pelos nossos pecados.

IV

Oh meu Deus quando vos deram
Fel e vinagre a beber,
Que lágrimas choraria
A Virgem que estava a ver.

V

Oh! Senhor dai-nos auxílio
E também paz e concórdia
Para que digamos todos
Senhor Deus misericórdia.

VI

Salvai-nos mártir dolorosa
Amparo dos desgraçados
Concedei-nos por vossas dores
A remissão dos pecados

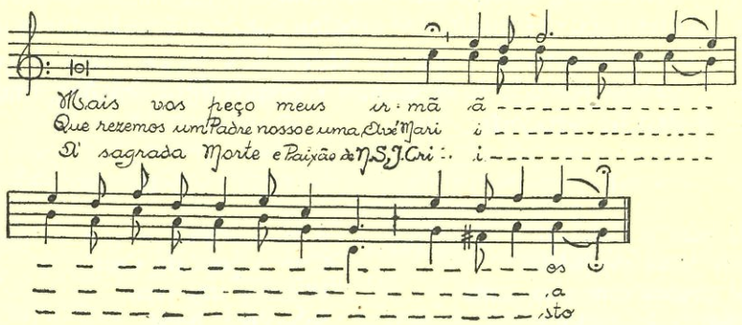
VII

Inda vos pedimos mais
Pelos cravos da vossa Cruz
Que nos livres do demónio
Para sempre Amem Jesus.

Ainda há poucos anos era costume começar a cantar na torre da Igreja, costume este, não sei se já de todo desaparecido.

No entanto, ainda é corrente começarem esta santa ronda junto da porta principal; uma das melhores vozes do rancho entoa o primeiro verso deste canto de sabor musicalmente gregoriano, e juntam-se-lhe as

outras vozes, num conjunto agradabilíssimo, se atendermos ao próprio ambiente nocturno:



Logo que acabam de cantar, tocam uma campainha enquanto se reza com devoção e respeito o Pai-Nosso e a Ave-Maria pedidos. E assim vai decorrendo esta santa quarentena num ambiente de recolhimento e fervor.

Não menos comovente e enraizada é a devoção às almas. Se Novembro é por excelência o seu mês, não fugiremos à verdade, afirmando que é durante a quaresma que o povo mais recorda os seus mortos.

Além dos habituais «pregões das almas» após o toque das trindades, outros costumes há, não menos típicos e interessantes.

Recordo-me, por exemplo, de um bastante original, da pequenina aldeia de Malhada-Velha (Beira-Baixa).

Juntam-se ao anoitecer todas as raparigas da aldeia junto dum pequenino Calvário na colina sobranceira à povoação. De lá se avista, ao fundo, o pequeno cemitério. Por volta das dez horas, quando o sino da minúscula capelinha deixa cair sobre a terra silenciosa o som grave de algumas badaladas sonoras — toque das almas — as suas vozes fortes e sadias entoam lindos versos às almas do Purgatório.

O canto espalha-se pelos vales e outeiros, triste, arrastado, fervoroso. É a alma do povo ajoelhada ante a saudade. É a sua oração atirada aos ares num eco de eternidade:

Oh! almas que estais dormindo
Nesse sono tão profundo
Acordai que já morreu
O que veio salvar o mundo

Outro costume quaresmal de tradição antiquíssima é o das procissões penitenciais. Fazem-se durante toda a quaresma embora ùltimamente apenas se hajam feito durante a Semana Santa.

Longas filas de penitentes completamente nus, embrulhados em largos lençóis brancos, arrastam consigo longas e pesadas cadeias de ferro que se lhes ligam às pernas por grossas argolas, e assim percorrem várias ruas rezando e cantando.

Embora estejam a cair em desuso, estas estranhas procissões ainda não desapareceram totalmente.

Não menos devotos e belos são os longos serões quaresmais passados junto da lareira humilde.

Contam-se os vários factos da Paixão, onde aparecem quadras interessantes, algumas de profundo sentido doutrinal:

Lá em cima ao altar-mor
Onde se diz Domine
Parte-se a hóstia ao meio
Fica Deus conforme é.

Muitas vezes nos aparece a figura da Virgem, associada à obra de seu filho:

Estando a Senhora na Montanha
Muito bem apresentada
Tristes novas lhe chegaram
que seu filho preso estava.

Deus te salve oh! mulher
Deus te salve a tua alma
Diz-me: aqui passou meu filho
O meu filho a quem amava

A cada passo que dava
A cada porta ajoelhava
Pedindo panos humanos
Para limpar a sua chaga

Logo tomou mantos de luto
Mantos de luto tomava
Indo por uma rua acima
Uma mulher encontrava

— Ele aqui passou Senhora
À hora que o galo cantava
Com a santa Cruz às costas
E com ela se arrastava

Já se acaba, já se acaba
Já se acaba a oração.
Digamos todos em voz alta
Bendita seja a Paixão.

Com a chegada da Semana Santa intensificam-se as devoções atrás citadas e aparecem outras de carácter próprio.

Acabam todos os jogos, usam-se de preferência fatos escuros e corta-se de vez com qualquer divertimento profano.

Não vai longe o tempo em que o povo percorria as ruas fazendo a Via-Sacra. As estações eram distribuídas por toda a povoação e, à tarde, toda a gente acompanhava o Pároco neste santo exercício.

Dele encontramos reminiscências na bonita cerimónia de quinta-feira santa a que o povo chama «de endoenças».

Pelas nove da noite organizam-se enormes ranchos, presididos por uma pessoa idosa e conhecedora dos cantos e rezas próprias. Dão volta a seis capelas da freguesia, para esse efeito primorosamente engalanadas; elas representam os vários locais que o Senhor percorreu antes da sua morte, a saber: casa de Anás, Caifás, Pilatos, Herodes, 2.ª vez Pilatos e Monte Calvário.

Em cada uma se rezam seis Pai-Nossos intercalados com a seguinte jaculatória: «Eu vos adoro Meu Senhor Jesus Cristo pelo muito que sofreste em casa de Anás, Caifás, etc.».

Chegados à última, o presidente entoa:

«Eu vos adoro meu Senhor Jesus Cristo pelo muito que padeceste no Monte Calvário, onde vos crucificaram numa cruz e deste a vida por nós», ao que todos respondem: «permiti ó bom Jesus que nós também demos a vida por vós».

Enquanto vão de capela para capela rezam a seguinte oração:

«Quinta-feira de endoenças deu o Senhor volta à cidade com grande humildade, com o peso da santa cruz. No caminho perde a luz, as pedras estalavam, o Sol escurecia, o Filho de Deus morria. As filhas de Jerusalém se puseram a chorar. Olhou o Senhor para elas e lhes disse: — Filhas por quem chorais vós? — Não choreis por mim, chorai sobre vossos pecados. — Esta cruz que levo aos ombros nela me hão-de crucificar; esta coroa de espinhos, na cabeça me hão-de espetar. Quem esta oração disser sete vezes, quinta-feira de endoenças, e o chão beijar, tirará quatro almas de culpa e pena. A primeira será sua, a segunda de seu pai, a terceira de sua mãe e a quarta de quem mais desejar. Amen».

É também em dia de Quinta-Feira Santa que tem lugar o «Sermão do Encontro». Num grande largo da aldeia para o qual dão acesso duas estreitas ruas, junta-se todo o povo. A um canto ergue-se um púlpito. No lado oposto sobre um estrado está uma rapariga vestida de branco com os cabelos caídos pelos ombros. Nas mãos tem um pano branco onde está impresso o rosto ensanguentado de Jesus.

De repente desponta numa das ruas a imagem da Virgem — a que o povo chama «das lágrimas» — acompanhada pelo Apóstolo S. João,

enquanto a imagem do Senhor dos Passos aparece na rua oposta e se dirige para o andor da Virgem.

O povo silencioso chora e reza, ajoelhando humildemente à passagem de Jesus.

Todo este silêncio é repentinamente quebrado por uma voz sonora e bem timbrada que canta: «O vos omnes qui transitis per viam attendite et videte si est dolor sicut dolor meus» (3).

É a figura da Verónica atrás descrita, a que o povo chama «Padeirinha». Canta com o sudário dobrado até à palavra «videte», altura em que o desdobra totalmente cobrindo com ele o rosto.

Ouvem-se soluços na multidão quando a voz do Senhor Prior se ergue para falar. É que o povo faz sua a dor de Jesus e Sua Mãe.

O dia de sexta-feira é todo um dia santificado. Não se trabalha, não se faz comida, põem-se de parte quaisquer trabalhos domésticos. Para isso ser possível, trabalha-se na véspera até bem tarde.

De todas as cerimónias do dia, a mais bela é sem dúvida a do enterro do Senhor. Simples e sentida, tem por isso mesmo o seu encanto.

É uma autêntica procissão levando os andores da Senhora dos Aflitos, de S. João e o esquife onde vai deitado o corpo do Senhor. Percorre as ruas da freguesia no meio da maior piedade e recolhimento. Para de vez em quando para a «Padeirinha» cantar.

Atrás do esquife, representando as piedosas mulheres que acompanharam o corpo do Senhor, vão as «Três Marias». Vestidas de azul escuro, com um manto preto na cabeça, vão carpindo a sua dor em cantos estranhos dos quais mal se percebe a letra.

Toda esta cerimónia tem como desfecho o «Sermão da Morte do Senhor» na Igreja da paróquia.

É assim que o povo vive a quaresma; é assim que ele participa na dor de Jesus; é assim que ele renova a sua alma para o ressurgimento pascal.

Este é o seu viver, o seu sentir, o seu amor. E termino com esta quadra popular:

Já se acaba, já se acaba
Já se acaba a oração
Digamos todos em voz alta
Bendita seja a Paixão.

SIMÕES DIAS

(3) O latim encontra-se bastante deturpado.

ECOS...

PASTORAL SACRAMENTAL

«Novellae Olivarum» não quer deixar sem uma referência o notável documento que o Episcopado francês publicou sobre a Pastoral dos Sacramentos.

Num momento de tanta discussão acerca da pastoral litúrgica, vem ele solucionar numerosas dificuldades que partidários das mais diversas opiniões levantaram, quer por um excessivo laxismo quer por um acentuado rigorismo, no encarar da doutrina e legislação eclesiásticas.

Na impossibilidade de publicar na íntegra o «Directório para a Pastoral dos Sacramentos» dão-se apenas uns excertos, que consignam algumas das mais importantes afirmações feitas. Para exame completo do documento podem consultar-se as edições que fizeram a *Bonne-Presse,* (5, Rue Bayard, Paris, 8.º) a *Fleurus* (31, Rue de Fleurus, Paris — 6.º) ou a transcrição que «Paroisse et Liturgie» fez no seu número de Setembro-Outubro p. p.

OS SACRAMENTOS EM GERAL

I — São base para todo o documento os princípios doutrinários com que começa o directório.

1 — Os Sacramentos são *actos* de Cristo, exercendo pelo ministério da Igreja o seu sacerdócio, o qual tem por fim dar, ao mesmo tempo, glória a Deus e salvar os homens.

2 — Os Sacramentos são *sinais* sagrados instituídos por Cristo e, pela própria vontade de Cristo, cada um deles tem as suas características e notas particulares.

3 — Os Sacramentos são *sinais da graça*. Sinais eficazes, comunicam a vida divina ao homem, pondo-lha ao alcance segundo as suas necessidades e manifestando-a pelas palavras, objectos e ritos sacramentais.

4 — Ao mesmo tempo, exprimem e realizam a incorporação na Igreja. *Sinais da Igreja*, os Sacramentos são distribuídos na comunidade e tendo em vista a comunidade, que eles se destinam a construir e a firmar.

5 — Os Sacramentos são *sinais da fé:* para o que recebe o Sacramento, tal recepção supõe e afirma a sua fé em Cristo e na Igreja.

II — Estas características da instituição sacramental reflectem-se na administração dos sacramentos.

1 — Sendo *Actos de Cristo,* têm que ser realizados *nas condições objectivas* que os ligam verdadeiramente à instituição de Cristo, precisadas pela Igreja.

Inclusivamente a não observância das normas da Igreja, é uma forma de individualismo disfarçado.

2 — . . . Foi feliz a preocupação destes últimos anos, ao pôr em relevo o aspecto comunitário dos Sacramentos. Mas cair-se-á num novo individualismo se cada sacerdote quiser administrar os Sacramentos de forma a unir e revalorizar a «sua» comunidade, negligenciando a coesão e unidade da sua comunidade com o resto da Igreja.

A legítima preocupação de revalorizar os sacramentos e de não os administrar a indignos pode às vezes levar-nos a excessos.

4 — Falando-se de misericórdia, não se diz que os homens não tenham nesta matéria, nenhum direito, de tal forma que se possam recusar arbitràriamente os Sacramentos, sem que se falte à justiça . . .

Actos de culto divino os sacramentos devem ser administrados com a dignidade devida, de forma a edificar os fiéis, devendo ser expressão bem viva de Fé, de quem os põe e recebe.

5 — Sinais de fé, os Sacramentos são *elementos do culto.* A encíclica *Mediator Dei,* por várias vezes, apresenta os Sacramentos (com o Santo Sacrifício e o louvor divino) como elementos constitutivos da liturgia, culto integral do Chefe, e por Ele, dos seus membros, exercício pela Igreja do Sacerdócio de Cristo.

III — Se às vezes as disposições dos que pedem os sacramentos não são perfeitas, compete ao sacerdote torná-las convenientes.

3 — O papel do sacerdote, pastor de almas, não *é sòmente o verificar as disposições do sujeito, mas também ajudá-lo.* Se parece que faltam essas disposições, fará o possível porque apareçam. E, em qualquer hipótese, deverá preparar o sujeito a aproveitar mais plenamente da graça sacramental.

OS SACRAMENTOS EM PARTICULAR

Quando se refere aos sacramentos em particular o directório dá-nos normas que são preciosas, especialmente no que se refere à administração do Baptismo, e oportunas porque num momento da história em que se pretende a todo o transe revalorizar toda a vida cristã, que tem início naquele sacramento.

Sobre a administração do baptismo às crianças dá normas que, se não se podem seguir imediatamente no nosso País, parece no entanto indicarem claramente, ao menos em certos casos e em certas regiões, a necessidade de pedir instruções pormenorizadas ao Ordinário.

A lei da Igreja (cn. 770) e a sua doutrina sobre a obrigação da ordem sobrenatural, impõem aos pais um dever estrito de pedir o baptismo para os seus filhos. *Não é portanto um favor* o conceder-lho.

A falta de prática religiosa nos pais não permite classificá-los de apóstatas. O interesse que manifestam os pais ao pedir o baptismo é uma presunção em favor da sua intenção religiosa.

Se porém os filhos precedentes foram privados de educação cristã, não se administrará o baptismo, a não ser em face de um *compromisso* de mandar à catequese, na devida altura, a criança que se apresente ao baptismo, e em primeiro lugar os mais velhos na medida do possível.

O compromisso de que aqui se fala não será mais do que a explicitação do compromisso implícito que constitui a apresentação dum neófito ao baptismo, compromisso esse que tem como fiadores os padrinhos.

Seja-nos permitido formular o voto por que venha a constituir regra geral, sobretudo em paróquias menos cristãs, a exigência dum compromisso escrito, que poderia servir de petição de baptismo, e que assinado pelos pais ou padrinhos, lhes serviria de esclarecimento acerca das responsabilidades assumidas.

No sentido, de explicar aos pais e padrinhos os seus deveres, continua mais adiante o «directório»:

É muito para desejar que os pais que vêm pedir o baptismo sejam recebidos pelo próprio sacerdote; e que este não se apresente ùnicamente como administrador mas como *pastor*, e aproveite esta ocasião para lembrar aos pais a gravidade e as consequências do seu passo. Poderia entregar-lhes um questionário ou um folheto instrutivos, recomendando-lhes que o estudassem com vagar.

A necessidade de dar aos padrinhos o seu lugar e de lembrar as suas responsabilidades leva o Episcopado francês a dizer a propósito:

Aproveitar-se-á também a ocasião (do pedido do baptismo) para verificar se o padrinho e a madrinha propostos pela família, satisfazem às exigências de validade e licêidade propostas pela Igreja. De resto um só padrinho é suficiente. No caso de a família não poder fornecer padrinho idóneo, será bom que seja suprido, *não pelo primeiro que aparecer ou pelo sacristão* (*), mas por um militante da Acção Católica, aceite pela família e capaz, pelas suas relações com ela, de cumprir eficazmente o seu papel no futuro.

(*) O sublinhado é nosso.

O ritual bilingue, tão ardentemente desejado entre nós, não dispensa as explicações das cerimónias. É a experiência que fala.

O uso do *ritual bilingue* concedido à França apresenta grandes vantagens; mas não dispensa esclarecimentos sobre os ritos que se realizam, por meio duma catequese sóbria e adaptada, que exige por consequência uma preparação cuidadosa. Recorde-se o ritual romano (tit. I, §).

Não deixemos de lado a riqueza cultural e doutrinal que representa a administração de baptismos, especialmente de adultos, na Vigília Pascal, tão felizmente restaurada por S.S. Pio XII.

Dizia alguém que o louvor duma Vigília Pascal sem baptismos se parece com o elogio duma mãe sem filhos!...

A festa da Páscoa é o centro da vida litúrgica da Igreja e a festa baptismal de todos os cristãos. Os pastores farão patente aos seus fiéis todo o valor do ensinamento contido neste mistério de Cristo morto e ressuscitado. Ensinando-lhes a viver o mistério pascal, revelar-lhes-ão os tesouros do seu baptismo. O renascimento litúrgico não será profundo senão na medida em que se apoiar sobre esta consagração baptismal, como também os efeitos da consagração baptismal não serão verdadeiramente profundos, senão na medida em que se apoiarem sobre uma vida litúrgica intensa.

No que se refere ao baptismo dos adultos o documento dá normas para que se exija seriedade na sua preparação que por vezes tão precipitadamente é feita.

Não se conferirá em geral o baptismo a um adulto senão após *uma instrução prévia* de três meses pelo menos. Com sessões sérias de catequese (em regra uma hora por semana) para que este período tenha um sentido real. Completar-se-á esta instrução pela leitura e oração pessoal, bem como por uma certa participação na vida paroquial...

Evitar-se-ão os baptismos precipitados de adultos, administrados em vista do matrimónio. Se o casamento não pode ser retardado, *seria melhor pedir para o casamento, uma dispensa do impedimento de disparidade de culto* (*).

No que respeita à confirmação, insiste-se particularmente sobre a conveniência que há de pôr no devido relevo este sacramento entre as cerimónias duma comunhão solene.

Tão legítimo é retardar certas cerimónias de compromisso, quão contrário seria à intenção da Igreja o retardar a confirmação.

É de desejar que este sacramento, tão importante e tão pouco conhecido, *não seja absorvido* na solenidade da «comunhão solene».

(*) O sublinhado é nosso.

Como é óbvio, também há uma referência aos poderes que a Santa Sé recentemente concedeu aos párocos, quanto à adminisração deste sacramento.

Os poderes conferidos aos párocos impõem-lhes o dever de dar a confirmação aos seus paroquianos doentes que ainda a não receberam, quando se encontram em perigo de morte, mesmo se são crianças que ainda não atingiram o uso da razão (c. 788).

Interessante será notar o que se diz sobre «profissão de fé» e «comunhão solene». Sendo um dos assuntos mais ventilados actualmente, em catequética, a experiência francesa poderá acrescentar algumas precisões ao nosso conhecimento sobre ele.

Tomaram-se aqui e ali excelentes iniciativas para decompor a *profissão de fé cristã* em diversos compromissos espaçados e progressivos, de modo a não se fazer pronunciar às crianças e aos adolescentes, fórmulas que ultrapassem as suas verdadeiras convicções . . .

Se é louvável separar a profissão de fé cristã da primeira comunhão, no entanto toda a sua solenidade deve vir da celebração eucarística à qual a profissão de fé deve sempre estar associada. Pois que *a profissão de fé é uma renovação dos compromissos do baptismo* e deve conservar o carácter duma celebração pascal, dum remate da iniciação cristã, que comporta essencialmente a Eucaristia.

Quanto à Eucaristia o documento insiste, como é óbvio, nos seus efeitos primários: aumento da Caridade para com Deus e para com o próximo de que resulta a unidade da Igreja, Corpo Místico de Cristo.

É muito importante o ensinamento aos fiéis desta realidade, uma vez que grande parte dos devocionários correntes se limita a pôr em relevo os efeitos secundários, mais fàcilmente assimiláveis pela mentalidade individualista do mundo de hoje.

Seria bom lembrar aos fiéis que a comunhão frequente deve suscitar *progressos na caridade* para com Deus e o próximo, progressos que serão então a prova da fecundidade dessas comunhões . . .

Como lembrou a encíclica *Mediator Dei:* é preciso que «todas as vezes que um motivo razoável não se oponha, fazer tudo quanto mais claramente ao altar manifeste a unidade viva do Corpo Místico». A comunhão faz parte integrante da Missa; ela insere-se normalmente no Santo Sacrifício (*).

(*) Note-se que esta prática já devia ser antiga entre nós . . . Cf. Conc. Plenário Português c. 223.

A propósito da Santa Unção, note-se a particular insistência sobre o efeito corporal, que é importante neste sacramento.

Lembrando sempre que a extrema-unção não pode ser administrada senão aos doentes gravemente atingidos, deverá destruir-se o preconceito corrente que faz do sacramento dos doentes o sacramento dos agonizantes.

A união de duas vidas pelo sacramento do matrimónio é símbolo da união de Cristo com a Igreja, como afirma S. Paulo, após longa meditação na epístola aos Efésios; «*Sacramentum hoc magnum est, in Christo, et in Ecclesia*».

Urge pois restituir a este sacramento o respeito e a dignidade dele tantas vezes ausentes, principalmente por falta de disposição da parte dos nubentes.

É um mistério de união e fecundidade na caridade. É portanto estreitamente aparentado ao mistério eucarístico. Não seriam demais as facilidades para a celebração da missa, a quando da celebração do matrimónio.

O inquérito inicial deve ser aproveitado como ocasião excelente de contacto com os nubentes.

No cuidado de realizar sèriamente o *inquérito prescrito* pela instrução *Sacrossantum*, os pastores não realizarão uma simples formalidade administrativa, antes aproveitarão uma ocasião privilegiada de chamar a atenção dos futuros esposos sobre a gravidade dos compromissos que vão tomar, e inclusivamente esclarecerão e rectificarão a sua intenção. Este inquérito pode ser o ponto de partida para um ensinamento e um apostolado muito sobrenaturais e muito eficazes. É rigorosamente prescrito que cada um dos esposos seja recebido separada e individualmente. *Não há excepção alguma a esta regra, mesmo para «regularizações.»*

E como conclusão, é remate de todo o edifício sacramental a *cúpula* Eucarística!

Todos os Sacramentos, que nos dão a graça de Cristo, que constroem e vivificam a sua Igreja, manam da Eucaristia e nela terminam; pois a Eucaristia contém realmente Cristo no seu sacrifício e na sua glória, e é o sacramento «da unidade e da paz da Igreja» . . .(*)

É por isso que a missa dominical está no centro da acção pastoral . . . A missa é fim e fonte da vida cristã.

J. A.

(*) Secreta da missa do Corpo de Deus.

CRÓNICA

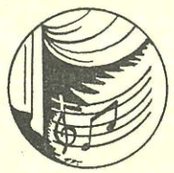
O regresso de todos os filhos

O cristão deve procurar sempre viver com a Igreja, sentir com a Igreja, de que se considera membro incansável enquanto ela não alberga todos os filhos, enquanto estiver de fora um único que seja, a faltar na harmonia do conjunto que um dia reinará com Cristo.

Por isso nós sentimos o problema do regresso à Unidade. Sentimo-lo e procurámos vivê-lo na medida do possível. E com amor e orações fomos acompanhando as intenções do Pai da Cristandade, em contínua súplica ao Pai Celeste para Ele se dignar mostrar o caminho aos transviados.

▪ Numa sessão presidida por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Cízico, o Rev. Dr. Joaquim António de Aguiar, dos Padres do Coração Imaculado de Maria, pôs-nos diante dos olhos aspectos do Maometismo, insistindo nos obstáculos terríveis que a sociedade muçulmana levanta a um maometano convertido...

Mas o problema não é só dos Muçulmanos. A Igreja continuará incompleta enquanto não voltarem ao redil de Pedro todos os filhos que o abandonaram.



Na Polifonia

Na Sessão pelo Oitavário que organizou o Círculo Missionário de S. João de Brito, o Coro Polifónico cantou lindas melodias orientais: o «Hino dos Querubins», da Missa segundo o Rito Bizantino-Eslavo, o hino litúrgico grego «Deũte», e a Antífona «Sacerdotes Domini», de Ravanello.

Também comparecemos na Sé sempre que é preciso dar mais beleza ao culto divino. É o fim mais nobre da Arte: louvar a Deus continuando a ser Arte, cantar as glórias de Suma Perfeição com as parcelas de beleza e de perfeição com que fomos enriquecidos.

Obra da Rua

O Eng. Carlos Galamba voltou a apresentar assuntos que lhe são queridos: «Casas para pobres»: de como nasceram, desejos e realizações, inauguração das primeiras casas, sem o mínimo protocolo, mas com muito amor...

A ideia nasceu na Obra da Rua, mas veio em primeira mão de alguns vicentinos da Casa de Paço de Sousa.

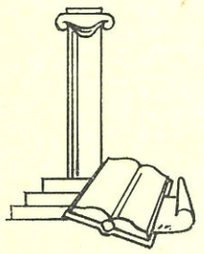
Começou já a produzir frutos bem amadurecidos a semente que há uma dúzia de anos o Padre Américo lançou à terra!

São os rapazes que vieram das barracas e agora não se esquecem dos seus irmãos infelizes, os pobrezinhos...

Monsenhor Reitor

O Seminário estava de luto, por isso não abundaram as manifestações externas de regozijo... Mas diante do Senhor foi bem lembrado o aniversário do nosso Venerando Reitor, que nem por se encontrar ausente está menos no coração de todos e nos benefícios de que cada um é devedor...

Por intenção de S.ª Ex.ª Rev.ma foi celebrada a Missa da Comunidade.



Pela Academia

O programa continua a ser executado com regularidade.

▪ «A Igreja e o Ensino perante o Estado». José Carlos da Silva e Sousa, subordinou o tema a três pontos essenciais:

— Ensino acatólico, neutro e misto;
— Escola única e liberdade de ensino;
— Direito da Igreja em face do Estado.

▪ «Institutos seculares» — foi o estudo apresentado por João Gouveia da Conceição: 1) Natureza, membros e fins dos Institutos seculares; 2) Situação jurídica; 3) Nascimento histórico; 4) Institutos seculares e a Acção Católica.

▪ «Reforma na decoração das Igrejas». Muito modestamente, Fernando Alves Cristóvão trouxe o seu contributo a este problema tão urgente: pôr em harmonia o simbolismo da Arte Moderna e o sentido religioso da assistência.

Focaram-se, em especial, os seguintes pontos: 1) Não há estilo determinado para a Arte Sacra; 2) A nova estética e a nova técnica; 3) Arranjo interior; 4) Arte religiosa e Arte litúrgica; 5) Harmonia de valores num plano de conjunto; 6) O Altar e o seu enquadramento.

A conferência foi acompanhada por interessantes projecções de algumas das mais perfeitas realizações neste campo. Eram realidades concretas a testemunhar como é possível à Arte Religiosa ser Arte e ser Religiosa.

—x—

A Secção de Filosofia também não ficou inactiva. De entre os trabalhos mais interessantes devem salientar-se:

«O escolho do Artista» — de António Madeira.

«Educação da Criança dos 3 aos 7 anos» — de Raul de Oliveira Nunes.

«Miguel Ângelo e a Escola Florentina» — de Francisco Nuno de Oliveira.

Também não têm faltado excelentes números extra-programa, a revelarem bom gosto e interesse.

Com o nosso Bispo

O nosso sacerdócio só tem razão de ser como colaboração com o sacerdócio do nosso Prelado.

Por isso sua Eminência não se esquece de ir formando em nós a imagem do Senhor Jesus Cristo. Durante o Retiro dos dias de Carnaval, falou-nos várias vezes, a preparar os nossos corações, a moldá-los ao gosto do Mestre, a Quem representa junto de nós.

Mas nunca mais poderemos esquecer a lealdade e a clarividência com que nos apresentou as exigências do nosso tempo. Foi no dia da Purificação de Nossa Senhora, aniversário da sua entrada solene na Sé de Lisboa.

Sua Eminência situou o nosso Apostolado em toda a sua amplidão, não escondendo as responsabilidades do Sacerdócio:

«Cada dia ser Padre é mais difícil. Cada dia ser Padre exige doação maior. Cada dia ser Padre exige virtudes não comuns, heroicas.

Pois eu quero de vós este dom total, este dom pleno, este dom generoso de vós mesmos...».

Para o conseguirmos temos de começar sempre pelas pequenas vitórias, — na submissão constante ao Regulamento. Esta submissão não implica diminuição da personalidade. Porque a obediência cristã é liberdade, a liberdade dos filhos de Deus.

«Procurai ser vós mesmos, afirmai-vos plenamente vós mesmos».

—x—

«Este ideal, sendo muito embora loucura aos olhos do mundo, é digno de ser vivido mesmo humanamente falando».

Foi esta a palavra de ordem que Sua Eminência deixou aos Seminaristas que em 2 de Março tiveram a felicidade de receber ordens. Para alguns alunos de Teologia foi o primeiro passo, a Prima Tonsura que prepara a recepção das ordens. Muitos receberam vários graus de Ordens Menores e dez quartanistas a sagrada Ordem de Diácono.

Nós e a Acção Católica

Tudo o que nos for interessando pela vida sacerdotal enriquece imenso a formação que nos ministra o Seminário.

Refiro-me em especial aos numerosos grupos de membros da Acção Católica que se têm reunido no Seminário.

A presença daquelas dezenas de universitários que entre nós se refugiam para três dias de oração e recolhimento são já um exemplo e um estímulo.

Não aproveitamos menos com o Dia do Propagandista Diocesano que a Juventude Operária tem vindo organizando com uma regularidade impressionante.

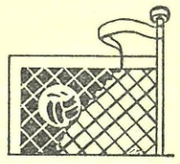
E os Jocistas não se têm esquecido de comparecer todos os meses, com o inseparável Padre Reed e grande bagagem de ensinamentos positivos.

Também se efectuou no Seminário um Curso Rotativo para a Juventude Agrária, sob a direcção de Monsenhor Domingos da Apresentação Fernandes, Secretário da Junta Central da Acção Católica Portuguesa.

Monsenhor da Apresentação Fernandes teve ainda a gentileza de acompanhar todos os Quartanistas numa visita demorada à Sede da Junta Central e das Direcções Gerais da Acção Católica Portuguesa.

Só é de desejar que o intercâmbio continue e se repitam estas visitas, porque a luz nasceu para todos...

Este convívio com membros da Acção Católica leva-nos à compreensão mais perfeita do mistério da Igreja, revestida de uma túnica de cores variegadas. Nós somos Igreja, eles são Igreja... São muitas as moradas na Casa do Pai.



Para além da bola...

... está a Vida.

Seria uma idolatria praticar o Desporto como um fim. Mas só nos faz bem praticá-lo como um meio. É só uma questão de pôr as coisas no seu lugar, subordinando os valores parciais à visão total.

O tempo continua maravilhoso, e os jogadores em forma apurada, o que nos tem proporcionado belos desafios.

Entre os alunos de Filosofia e os de Teologia existe uma rivalidade sã que só valoriza o Desporto.

E os desafios entre Pavilhões levantou sempre muita animação.

Este ano a balança pende francamente para o lado dos Teólogos; só no outro dia eles se deixaram surpreender pelo «onze» de Filosofia que dominou sempre e acabou por vencer.

Mas num torneio de Atletismo que a Associação do Santo Condestável organizou no dia de S. Tomás, para a Filosofia apenas foi um título: o do triplo-salto.

O Anjo das Escolas

O génio de S. Tomás é de todos os tempos. E não podíamos prestar-lhe homenagem maior que a de uma vida toda no esforço por permanecer fiel ao ensinamento da Igreja.

Mas o dia 7 de Março ficou especialmente assinalado com uma sessão solene presidida por Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca.

O Rev. João Perestrello de Vasconcellos apresentou um trabalho de história sobre a «Génese e Aspectos da Inquisição em Portugal», situando os factos na mentalidade da época.

Em seguida levantou-se o Rev. Dr. António Leite, ilustre Director da «Brotéria», que desenvolveu magistralmente a questão tão controvertida hoje em dia: «A Laicidade do Estado».

O orador começou por uma síntese histórica da posição do problema através dos séculos, a começar no endeusamento do Estado e do Imperador, no Império Romano. E depois de se fixar especialmente no liberalismo moderno, desenvolveu a questão principal: sendo o Estado uma sociedade de ordem temporal cuja missão é procurar o bem comum dos seus súbditos na ordem natural, até que ponto lhe é imposta a profissão de uma Fé?

Encerrou a sessão o Senhor Cardeal Patriarca que louvou o Sr. Dr. António Leite pelo trabalho apresentado, lição de clareza e de ortodoxia.

A. J.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS
E
TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA
Casa fundada em 1866
SOUSA TAVARES, L.DA
220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto
realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.
Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário
Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO
Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA

C. SANTOS
LANIFÍCIOS
Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.
Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
COVILHÃ

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
A Mariazinha
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

CASA FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS. ARTIGOS DE METAL.

RUA DO SOUTO, 134 – BRAGA

TELEFONE 2704

MÁRMORES E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)

Sede e instalações industriais:

PERO PINHEIRO

EM LISBOA:

Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)

Telefones: P. P. 18 e 74307

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS – LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

A todos os nossos assinantes muito agradeceríamos a amabilidade de nos enviarem directamente o preço da assinatura, evitando-nos assim a cobrança postal que a todos exige maior despesa.

A ADMINISTRAÇÃO

Assinaturas pagas directamente:

P.e Domingos Sequeira Rosa
P.e Manuel Alexandre Rosa
P.e Eudoro dos Santos Vieira
P.e Francisco Xavier P. Martins Prata
P.e José Maria Braula Reis
P.e Manuel da Cruz Nunes de Matos
P.e Manuel Antunes Júnior
P.e António Maria da Costa
P.e José Francisco Branco Rosa
P.e Adelino Alves Genro
Condessa de S. Lourenço
D. Ana de Serpa Pimentel Osório
D. Ema de Seixas Palma
D. Maria Luísa Queirós Melo e Lemos
D. Maria Guilhermina Antunes
D. Maria Beatriz Trigo
D. Maria da Conceição B. M. Duarte Silva
D. Matilde da Conceição Ferreira
D. Eulália Rosa
Conde de S. Tiago
João Henrique Ulrich
Constantino Miranda Rosa
Henri Moulinier
Nuno Cardoso
Ernesto Hintze Ribeiro
Fernando de Freitas



DESCONTOS AO REV.mo CLERO

A TOSSE



COM

BENZO-DIACOL